

**Redação e Correspondência:**

A. Carvalheira
UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

José Ferraz
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
uniases@sapo.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES - NIF 501 794 000

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1610 Exemplares

Assinatura Anual: 5,00 €

Composição e Impressão:

Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

REBENTOS DE ESPERANÇA

"Continuamos a fazer caminho quaresmal. Este tempo, quando bem vivido, traz-nos a possibilidade de descobrir a liberdade de Deus. Páscoa é passagem. A travessia da escravidão para o respiro de liberdade. Mas, agora, somos envolvidos por outras escravidões: o cansaço de tanta informação, os medos provocados por poderes desajustados de humanidade, a solidão em crescendo. Em tudo, pode haver a sensação de desespero. É aí que devemos parar (e, se necessário, pedir ajuda). Como rebentos de primavera, deixar que seja a esperança de algo novo a apontar caminho. Mas, como? Usando bem os meios humanos e tecnológicos, permitir que seja Ele o verdadeiro comunicador do Amor.

Para uma boa comunicação, precisamos de silêncio. Este, na oração, deve ser porta para o grito quaresmal: Senhor, aqui estou! Tenho-me afastado de ti, tenho tirado o foco do teu olhar. Mas em mim reside, ainda que ténue, a tua luz. Ajuda-me a perceber e a libertar-me do que me impede de amar. Desde aí, continuar a abrir as portas à vida divina, sabendo que o coração de Deus está sempre disponível para a reconciliação.

Também, ainda mais em Ano Santo, acolher a esperança, abrindo a disponibilidade de ver a beleza nas pequenas coisas. A primavera traz novos tons, de cores e musicais... E no caminho quaresmal apercebemo-nos que podemos ser cada vez mais de Deus, irradiando luz na travessia, tornando-nos testemunho da liberdade e esperança divinas".

Uma Santa Páscoa para todos.



Rede Mundial de Oração do Papa



Texto de P. Paulo Duarte, sj,
retirado da Rede Mundial de Oração do Papa

Páscoa

Que a alegria do Senhor Ressuscitado
encha os corações de PAZ e concórdia!

MAGNA - FRAIÃO

15 de Junho de 2025

CONTAMOS COM A PRESENÇA DE MUITOS ASES

Programa:

- 9H00 - Acolhimento aos ASES
- 10H00 - Assembleia-geral
- 12H00 - Celebração da Eucaristia
- 13H00 - Almoço Convívio no Seminário

Como compreenderás, a UNIASES necessita, por questões de logística, da **confirmação** da tua presença e dos teus familiares. Esta confirmação poderá ser feita até ao dia 9 de Junho: uniases@sapo.pt | cunhapintobraga@sapo.pt
Por SMS: Francisco Pinto - 919 441 970

Nota: O almoço será pago no dia (à volta de 25 €)
(crianças de 3 a 10 anos – 12.50 €)

Quem não reservar poderá não ter refeição

A Direcção

ENCONTRO TORRE D'AGUILHA

Previsto para domingo dia 27 de Abril

Manter contacto com:

Rogério Carmona – 917 265 012

Armando Silva – 917 638 448

Nota: Possibilidade de deslocação de ASES do Norte

FÁTIMA

PEREGRINAÇÃO DA FAMÍLIA ESPIRITANA
5 E 6 DE JULHO DE 2025

Uma manifestação de fé e da grandeza da nossa família.

Momentos altos:

Sábado: 16H30 – Concentração

À noite – Terço e Vigília Missionária

Domingo: 11H00 – Eucaristia

Convidamos todos os Ases a estarem presentes.

OUTUBRO DE 2025

Comemoração das Bodas de Ouro
1975 – 2025

Sábado 4 - GODIM

Sábado 18 - VIANA DO CASTELO

NOTÍCIAS BREVES

SONS DA NATUREZA - CUSTÓDIO MONTES - GODIM 1957



No passado dia 21 de fevereiro, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva-Braga, sob a condução sábia e divertida do Ás Zé Machado, pudemos assistir à apresentação do livro de poemas *Sons da Natureza*, do

nosso Ás Juiz Conselheiro Custódio Montes. Com mais de 300 páginas, podemos apreciar a sensibilidade do autor à natureza que nos envolve, a merecer todo o nosso respeito. Congratulámo-nos com a publicação e oferecemos estes TONS DA NATUREZA:

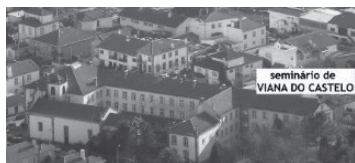
Os tons da natureza como encantam!
É a água a brilhar pelo ribeiro
A sombra ao fim da tarde pelo outeiro
E as aves que regressam e que cantam.

Os tojos amarelos nos espantam
A urze encosta acima e o ulmeiro
Ao fundo lá no corgo e o roteiro
Das corsas que dos cantos se levantam

A queiroga lilás a ondular
E a carqueja que doura a amarelar
E o dia de manhã a aparecer

São tons que nos enlaçam ao redor
Nos prendem e nos trazem paz e amor...
Que belos são os tons da natureza!

GODIM – VIANA – BODAS DE OURO EM OUTUBRO



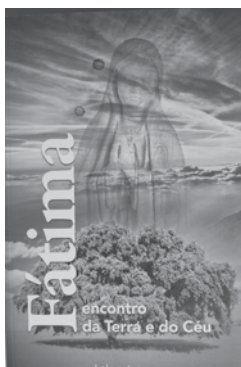
Na pág. 10 vão publicadas as listas dos ASES entrados em Godim e Viana em 1975: preparamos o encontro /confraternização para o mês de outubro.

Precisamos de atualizar os contactos: favor enviar email para uniases@sapo.pt ou tel. 919 441 970 com os vossos contactos para facilitar as convocatórias...

FÁTIMA, ENCONTRO DA TERRA E DO CÉU

Juan Souto Coelho – Viana 1961
Este livro viu a luz durante o caminho sinodal do povo de Deus e no contexto da Jornada Mundial da Juventude (JMJ2023). É uma proposta pedagógica que nasce das convicções da nossa Fé e fundamenta os nossos compromissos com o cuidado da Criação.

Desejamos que seja útil para fazer frutificar a semente de Paz que veio do Céu e germinou e enraizou na Cova da Iria. E que os frutos espalhem benefícios por toda a nossa Casa Comum.



LAMPREIADA 2025

A lampreia anda fugida...
e Manuel Lopes não consegue lançar a rede...
O Américo Cita, como outros, ficou desiludido...
E vai daí, a musa ditou-lhe este poema:

Tontona, GPS, ajuda por favor!
Ensina-me o melhor caminho
para Melres, terra do Professor?
Já lá não vou, faz um tempinho.
Mas que vais tu lá fazer?
Olha que já não há Lampreia.
O COVID fê-las desaparecer,
as poucas que sobram,
dão diarreia!
Não sabia, para mim é novidade
e eu que já ando "augado"
Como faço para matar a saudade?
Não se encontra noutro lado?
Com o Montenegro como patrão,
deves ter um bom ordenado!
Por que não vais até Monção?
Tens sável e Lampreia à discrição!

E LÁ VÃO ELES DE MÃOZINHA DADA
DOIS "COTAS" AINDA ENAMORADOS,
E LOGO À NOITE, PELA CALADA,
SAIA-SE A LAMPREIA PR'OS "AUGADOS"
AQUELES TOROS A NADAR,
NUM ARROZ NEGRO E MALANDRINHO,
UMA TRAVESSA BEM RECHEADA,
PARA ACOMPANHAR UM ALVARINHO
PARA AJUDAR À DIGESTÃO,
POIS ESTE PRATO É BEM PESADO
UMA AGUARDENTE DE MONÇÃO
PAGA A CONTA REFORMADO.
... E VAMOS PR'A CASA, ESTOU CANSADO...



ENCONTRO DOS ASES DO MINHO

SEMINÁRIO DA SILVA, 08 DE FEVEREIRO DE 2025

Zé Mário – Viana 1971

Como vem sendo habitual, os Ases do Minho, sob a regência do Costa Pereira, do Zé Manel e do Isidro Linhares, levaram a efeito o seu convívio anual, sob a supervisão, para não dizer “comando”, do FCP, ou seja, o Francisco Cunha Pinto. Uma espécie de canivete suíço, este colega. Ele canta, rege o coral, improvisa na animação, relembra que é preciso pagar as quotas e disponibiliza-se para as receber, enfim... pau para toda a colher. Há gente assim. Nascem dotados de carisma, capacidade de liderança e sentido organizativo. Bem-haja.

O encontro dos ASES no Seminário da Silva constituiu-se uma oportunidade de convívio e partilha como é habitual, vivido com agrado de todos os presentes. Foi assim:

Pelas nove horas da manhã, começaram a chegar a contagotas e desfasados no tempo, como desfasadas eram as origens do início de viagem de cada AS. Mas não houve atrasados, cumpriram o estipulado protocoladamente. A vida de seminarista deu bons frutos neste particular. A organização a cargo dos ASES do Minho, sob a égide dos elementos acima referidos, esmerou-se e não deixou o crédito por mãos alheias. Elaborou um bom programa, muito bem conduzido, com exímio cumprimento de horários, como tem sido seu apanágio ao qual já nos habituámos.

Juntou-se ao evento um número apreciável de antigos alunos, foram 33, aos quais se associaram duas senhoras, esposas de outros tantos antigos alunos, que trouxeram mais brilho à efeméride. Neste grupo encontravam-se 5 debutantes. Pela primeira vez, quiseram incorporar-se no evento. Foram bem acolhidos e entronizados. Os senhores padres

José Costa, Azevedo Neiva e Ricardo Meira irmanaram-se no convívio tendo celebrado e concelebrado a Santa Missa. Mais tarde, honraram todos os convivas com as suas presenças na partilha do almoço.

Depois do acolhimento habitual com café e biscoitos da praxe, no Salão de Vidro, dirigiu-se todo o séquito para o auditório para um período de reflexão e atualização de conhecimentos relativos à nossa congregação. O Costa Pereira abriu a sessão, saudando todos os presentes, formulando votos de boas-vindas passando a palavra ao padre José Costa. Este, em posse da palavra e com o auxílio de imagens projetadas, foi ilustrando e descrevendo aquilo que é o trabalho de evangelização, e não só, em países de grande carência material, como é a Guiné-Bissau e o Paraguai. Realidades diferentes, mas com carências específicas e evidentes.

Na Guiné-Bissau, o padre José Costa e a sua limitada equipa sentiram na pele aquilo que são as dificuldades, que não se imaginam no velho continente. A diversidade de etnias num território tão pequeno, os Balantas, os Fulas, os Mandingas, os Manjacos e os Papeis e a sua consequente repercussão na variedade de dialetos, formando uma barreira linguística. A diversidade de usos, costumes, culturas e a prática religiosa do animismo¹. Uma “religião” tão díspar do nosso catolicismo, onde a poligamia é perfeitamente aceite e praticada.



¹ O animismo (do termo latino *animus*, “alma, vida”) é a cosmovisão em que entidades não humanas (animais, plantas, objetos inanimados ou fenómenos) possuem uma essência espiritual. O animismo é usado na antropologia da religião como um termo para o sistema de crenças de alguns povos indígenas, especialmente antes do desenvolvimento de religiões organizadas. Apesar de cada cultura ter suas próprias mitologias e rituais diferentes, “animismo” é um termo usado para descrever o segmento mais comum e fundacional das perspectivas espirituais ou sobrenaturais dos povos indígenas. A perspectiva animística é tão fundamental, mundana e diária que os povos indígenas mais animistas nem sequer têm uma palavra nos seus idiomas que corresponda a “animismo” ou mesmo a “religião”. Wikipédia.



O padre José Costa descreveu as dificuldades sentidas na primeira pessoa, mas de uma forma simples e sem dramas ou vitimização, mas constatável adversidade. A assembleia percebeu o seu brilhoso nos olhos, quando demonstrou o seu contentamento por terem conseguido feitos tão simples como a escavação de poços para suprir a falta de água potável, a edificação de uma escola e capela construídas com paredes em lama e a urgência na colocação do telhado em chapas de zinco, antes que a chuva chegasse e anulasse o trabalho feito. Transmitiu estas incidências sem vaidade jactante. De forma despretensiosa, real e entusiasmada. A assembleia entendeu o esforço gigante para se almejar coisas tão simples, mas primordiais. Todos percebemos, sentimos e valorizamos este trabalho missionário e altruísta e a sua vontade em prosseguir. A saúde pregou-lhe uma partida, obrigando-o a intervalar a sua ação, por enquanto. Os presentes perceberam que não perdeu a motivação para voltar. Quem sabe? Pelo meio, deu para perceber o seu sentido de humor, com a história que contou. Um diálogo entabulado entre ele e um guineense a residir em Portugal, em crioulo escorreito. No encontro inopinado, o padre José Costa desabafou que na Guiné lhe haviam roubado uma vaca. O guineense apontou logo que tinha sido um balanta, denunciando a enorme rivalidade entre etnias do mesmo território e sob a mesma Bandeira. Os balantas é que roubam, segundo o seu interlocutor.

No Paraguai, outros recursos materiais e técnicos e um estado mais avançado de evangelização “facilitou” a tarefa, que nem por isso deixou de ser árdua. A toxicodependência de alguns adictos com a necessidade de dinheiro para adquirir o produto, voltam-se para o roubo de tudo o que possa ser rentabilizado. A obra implementada pela missão foi visitada pelos amigos do alheio, obrigando a uma despesa extra a penalizar o orçamento. A necessidade de colocação de grades. Quase a finalizar a preleção, o Francisco Cunha Pinto, a propósito, informou que sempre que há “liquidez de tesouraria” dos ASes, esta associação compartilha da maneira que pode, ficando o garante que se continuará com este princípio. A Santa Missa seguiu-se na Capela, tendo a homilia versado sobre a compaixão e a paz, que tanta falta faz nos momentos que correm. Momento muito participado, com o apoio instrumental do Isidro Linhares e o uníssono de todos os presentes, que ainda têm memorizado os cânticos da nossa “Idade do Ferro”, que ocorreu há uns vinte quilos atrás e com mais cabelo. Nem precisamos do papel atenciosamente distribuído. Somos como o galo que canta com os olhos fechados porque sabe a letra de cor, ou não estivéssemos nós em Barcelos, terra do galo.

O almoço que seguiu tinha como menu um prato típico da região minhota. Rojões à moda do Minho, depois de umas entradas de bolinhos de bacalhau, azeitonas e umas papas de serrabulho deliciosas. Terminámos com uma sobremesa doce para os ainda saudáveis e fruta laminada para os diabéticos. Tudo muito bem confeccionado e muito bem apresentado, com altíssima qualidade e generosa quantidade. Tudo muito bem organizado. Fica a promessa de voltarmos. Divulguem. Compareçam, tragam um amigo antigo seminarista que ainda desconheça esta dinâmica e evento. Até ao ano.

CANTINHO DA POESIA

MARGENS IMPRESSIVAS

*Aqui,
no coração desta cidade,
cidade garbosa, outrora marinheira,
em céu pincelado de gaivotas e nevoeiro,
sobre chão magoado por ignotos passos,
arcos de tantas itinerantes vozes,
e de um Nobre Poeta Só,
aqui confluem e naufragam às vezes,
nomes e sombras, num fugaz e triste adeus.*

*Dentro da noite parece até aqui retinir
a Voz intangível (de Deus?),
num lento e frágil pulsar,
qual sopro de ar arfante,
ainda com força de queimar!*

*Ao nosso olhar vedado, Seu sorriso
vai descaindo como a noite,
porosa, solene, calada, como que
a prolongar, depois retrain,
pouco a pouco, como vento como maresia,
os fragmentos dos sonhos,
ali vazados em prodigiosa alquimia.*

*Vagueiam nómadas, entretanto,
meus olhos, lagoas de névoa e sal,
de luz e penumbra matizados,
divagantes, oh tantas vezes
da alegria espelhante da voz;
são a procura vã do Seu olhar,
a praia, a distante lonjura
onde já quase nada desagua.*

*Estará onde afinal o Seu sorriso,
em que jardim ou paraíso,
em que musgosa ou etérea fonte esculpido,
em que secreto rosto convertido?*

*Ah, soubera eu desse jardim,
dessa fonte, desse Rosto, desse Olhar....
Aqui regresso, porém, uma e outra vez,
para ouvir do mar o suave marulhar,
onda a onda, apagando de distância
o fogo jazente desse Seu olhar!*

*É então que parece até transbordar:
o noturno céu, num alto luar,
os verdes lagos, num sereno mar,
a remota fonte, num veio de água repentina.*

*Neste inteiro silêncio, nítido e acústico
se rasgava assim
o Sorriso, o Olhar, a Voz Divina,
confluentes, concertantes,
num frescor de canto e neblina.*

Armando Vilhena – Viana 1962

ENCONTRO DOS ASES DO MINHO

SEMINÁRIO DA SILVA, 08 DE FEVEREIRO DE 2025

Zé Mário – Viana 1971

Fracionei a crónica, pois a epístola já ia longa, porém, não podia deixar de referir a animação ocorrida já quase no final do repasto. Sei que o FCP exortou a organização do Encontro dos Ases do Minho para que ensaiassem e preparassem umas quadras para serem cantados os "Reis". Não era uma ideia descabida, no entanto, houve alguma renitência. A quadra natalícia já lá ia, porém, no entendimento do FCP o prazo de "cantar os Reis" estava ainda vigente, pelo que faria todo o sentido e seria um pormenor diferente a adornar o almoço. Ele forçou a ideia com diplomacia e a coisa foi em frente. A animação foi garantida e partilhada na unanimidade que entoo o refrão. Arrancou gargalhadas e sorrisos de espanto. Um momento único. Como tal, cumpre-me como escriba-mor do "julgado de terras do Neiva" e das terras do "termo da villa de Barcellos" dar a conhecer a letra das quadras entoadas.

Refrão:

(Fila dos comensais voltada a Norte cantava):

Quem é ele, quem é ele?

(Fila dos comensais voltada a Sul cantava):

É Jesus de Nazaré!

(Fila dos comensais voltada a Norte cantava):

Quem é Ela que é tão bela?

(Fila dos comensais voltada a Sul cantava):

É a esposa de José

A cada duas quadras o "maralhal" repetia o refrão com entusiasmo, alma e energia. Foi um deleite ouvir o uníssono tão canoro e dentro do tom sem ensaio de véspera. É de realçar. Não foi por falta de voz que estes ASES não chegaram a padres. Neste particular estávamos garantidos. Em tom de brincadeira, alguém lembrou o delegado representante da marca comercial em referência, para que envidasse esforços, no sentido de garantir junto da mesma, um patrocínio para o próximo encontro. Ficamos à espera

**Os três Reis do Oriente
Vieram ter a Belém
Entregar os seus presentes
A Jesus e sua Mãe**

**Boas Festas para todos
Com prazer e alegria
Nós queremos saudar
Quem trabalhou p'ra este dia**

**Os ASES de Barcelos
Nós saudamos com carinho
Por esta organização
Do nosso encontro do Minho**

**Vivó nosso Costa Pereira
Sempre disponível e educado
Pela tua dedicação:
O nosso muito obrigado**

**Viva também o Isidro
Com viola sempre ao peito
Com música e Herbalife
Estás um AS muito perfeito**

**Vivam todos em geral
Membros desta União
Damos graças ao Senhor
E à nossa Congregação**

**Vamos dar as despedidas
Como Cristo deu na cruz
Um bom Ano, meus amigos
Fiquem na paz de Jesus**



MEMÓRIAS E ESTÓRIAS

7 – LEMBRANÇAS

Carlos L. Almeida - Godim 1961

Recordo também aqui o bom, simples e irónico Padre Meira! Ele não sabia os nomes dos alunos. Melhor, só sabia o do CARDOSO, que era de Cabo Verde e o do CATARINO, que era de Proença-a-Nova.

Se alguém queria ser chamado (e ele há de tudo!...) levantava a cabeça e olhava diretamente para ele. Caso contrário, já sabíamos quem eram os chamados:

- O "menino" Cardoso (que era o mais velho de todos nós) ou

- O "senhor" Catarino (que era exatamente o mais novo!).

Soube que o bom Padre Meira (bastantes anos após eu ter saído) e com idade já muito avançada...fez questão de ir para as Missões e penso que por lá terá ficado!...E com ele, a sua enorme sapiência no domínio do latim e a sua

cativante simplicidade e a sua fina ironia!...

Tudo tão diferente da "sapiência" orgulhosa, importante, soberba, arrogante...de tantos outros, os quais nunca tinham estado, nem pretendiam vir a estar, nas muitas missões espalhadas pelo mundo, mas particularmente em S. Tomé, Cabo Verde e Angola!

Deixo aqui um poema de Anthero Monteiro, que entrou em Viana no ano de 1956, publicado no Boletim Uniases de junho a setembro de 2010, intitulado O SANTO PROFESSOR DE LATIM:



O professor de latim era também o meu confessor ajoelhava-me aos seus pés com mais devoção do que junto ao altar de um santo canonizado achava eu por isso que devia levar-lhe um rol de pecados suficientemente credível ainda que tivesse que inventá-los bem sabia que nele habitava uma alma sensível pois quando eu entrava numa peça dramática costumava espreitá-lo no final de cada ato de um pequeno rasgão do pano de cena e comprazia-me com vê-lo na primeira fila todo inundação de lágrimas e candura mas o pecado que lhe sonegava era aquela mania de testar-lhe a santidade em plena aula inspirado em Cícero verificar o grau de elasticidade da sua paciência (quosque tandem abutere catilina patientia nostra) dissimuladamente ia empurrando com o cotovelo o volumoso dicionário de latim à espera do estardalhaço da queda o sacerdote fazia estalar a língua numa interjeição de tolerante contrariedade e apenas era capaz daquela sublime ironia que o levava a dizer calmamente digam por favor ao dicionário para ir ao quarto do padre diretor.

E já que estamos em ar de recordação de alguns dos muitos (e bons) Professores que certamente houve em todos os Seminários (designadamente, digo eu, nos anos mais avançados, ou seja: nos antigos 6º e 7º anos e na chamada Filosofia e Teologia...) não deixo de aqui recordar o teor do email enviado em 27 de janeiro de 2020 por um dos muitos ASES espalhados por aí (Custódio Pinto Montes, que posteriormente soube ser Juiz Conselheiro Jubilado) por ocasião da Homenagem dos 100 anos ao Padre José Maria Sousa a levar a cabo no dia 1 de Fevereiro, na Rua Pinheiro Manso, 62, no Porto :

- "Vou ver se posso, bem queria, mas será que ele merece?

Vejam o que me fez:

... "Mas não foi apenas este revés que sofri no seminário do Fraião.

Lembro também a leitura do meu futuro artístico, através das linhas da mão, feita pelo Padre Zé Maria que, nisso, era afamado.

Era homem de cabeça miúda, na proporção da sua altura, com a testa bem evidenciada também pela calvície frontal e com dois dentes incisivos superiores meio justapostos, que se deixavam ver e que davam a sensação dum quase permanente sorriso aberto. Além disso, tinha um nariz adunco e retorcido como se fosse um varandim donde irradiavam uns olhos vivos e sagazes. Era o professor de filosofia do meu 6º ano, já no pavilhão norte.

Certo dia, após o almoço, com a natural indolência das horas de digestão, o Padre Zé Maria, nome carinhoso por que o tratávamos, passou a analisar as mãos de alguns dos alunos, augurando a todos eles um belo futuro na arte do canto, na arte da escrita, etc. começando pelos melhores alunos da turma.

A certa altura, eu, que me considerava também um dos melhores alunos, vendo que o Padre Zé Maria me não selecionava e porque eu, além de pertencer à escola cantorum do seminário, tocava 2º violino na orquestra, perguntei-lhe a certa altura, numa vaga que de repente vi surgir:

- Padre Zé Maria, e eu, o que vê nas linhas da minha mão?

Sempre pensei que ele diria que eu viria a ser um grande violinista, talvez até executante numa das orquestras de nomeada.

O Padre Zé Maria, olhando-me lá de cima da sua altura, com aqueles dentes incisivos salientes sobre o lábio inferior, pegou-me numa mão, na outra, virou-as de um lado e do outro e no fim só na palma da mão e disse, abruptamente, sem demora e sem qualquer rodeio,

- Montes, você nunca será um artista.

Um abraço a todos e ao nosso Padre Zé Maria Custódio Montes".

Padre Zé Maria

CRÓNICAS – LEMBRANÇAS

Zé Machado – Godim 1964

2. AS PALAVRAS TÊM ASAS

Se houve escritor português que levantou as palavras e as fez voar foi José Saramago, autor de nossa literatura que faleceu em 2010 na ilha de Lanzarote no arquipélago das Canárias, onde tinha fixado uma de suas residências pelo mundo. Nasceu em 1922 na Azinhaga, concelho da Golegã, no Ribatejo. Entre outros, foi prémio Camões em 1995 e prémio Nobel da Literatura em 1998, tendo sido condecorado no nosso país com o mais elevado e prestigiante Grande Colar da Ordem de Santiago da Espada e a título póstumo com o Grande Colar da Ordem de Camões. O seu percurso biográfico é balizado pelas origens humildes de sua família, pela sua formação académica a nível secundário, pela sua profissão de serralheiro mecânico, depois pela sua profissão de jornalista e diretor de jornal, pela sua militância no partido comunista e pela sua dedicação à escrita. Nestas balizas biográficas conheceu a insatisfação e fez levantar

surpresas e admirações, causou polémicas, enfim, marcou o seu e nosso tempo, notabilizou-se pelo que escreveu, em quantidade e qualidade, sendo o seu estilo muito peculiar. Ao longo do meu percurso escolar, acompanhei os voos de suas palavras e de suas obras que li e conservo na minha biblioteca, não todas, mas bastantes. Li e referi aos meus alunos algumas de suas histórias, falei de seu estilo de escrita entre professores, acompanhei as polémicas de sua vida e de suas narrativas absolutamente marcadoras de nossa literatura, não só pelos temas escolhidos ou descobertos para os seus livros, mas sobretudo pelo foco e perspectiva do desenvolvimento narrativo das histórias ou das ideias. José



Saramago marcou o meu tempo de professor de português, não só por uma das suas obras ser de leitura obrigatória no ensino secundário, mas pela influência que as suas obras e as suas posições ou ideias desencadearam na didáctica da língua materna. O estilo é o homem, ouvimos dizer há muito em todo o tipo de intervenções sobre autores ou artistas ou artífices ou criadores, e, de facto, a escrita de Saramago depressa desencadeou uma polémica intensa nas escolas: a chamada escrita *oralizante*, sem marcadores de pontuação ou de formação de texto a que estávamos habituados, polarizando as questões da didáctica de formalismos e de marcas de longa duração na formatação dos textos: que a leitura tudo regula e que a língua materna tudo supera, com as práticas discursivas a funcionarem na inteligência de cada um acabam por ler bem e de forma correta o que parece estar em linha contínua de texto e de enunciação. Na prática, os professores passaram a dar muita mais atenção às escritas de seus alunos, aos modos de ler e de articular, às distinções de ouvido e de entendimento lógico. As acusações ao autor sobre as irregularidades de sua escrita não acabaram nem acabam, estão sempre a renascer aqui e ali, mas deixaram de ser o foco das questões de didáctica, tendo esta assumido as complexidades de sua aprendizagem

e de seu ensino, aproveitando todos os textos e tipos de textos. Mas a polémica maior das obras de José Saramago entrou pelas escolas dentro, não por os seus textos serem lidos pelos alunos, nem todos adequados a leituras de sala de aula e nem sempre ou melhor quase nunca seleccionados pelos autores de manuais, mas sim pela qualidade imaginária das histórias, pela surpreendente invenção de personagens, pelo desenrolar imprevisível das ações diatélicas. José Saramago encontrou nas histórias já conhecidas e nas que inventou a partir de causas ou realidades provocadoras, peripécias, motivos, ideias, desenvolvimentos de problemas, casos e figuras, diálogos e reflexões, retratos e descrições, que colidiam com as representações habituais da vida ou que contradiziam as expectativas: atribuir as suas polémicas histórias à sua natureza ideológica de compromisso político é reduzir o impacto de suas obras na nossa complexidade civilizacional: José Saramago inquietou-se com o desenvolvimento do mundo, com a qualidade de vida no planeta terra, com a religião, com a história de nossos monumentos, com a nossa capacidade de discernimento de soluções para os problemas que criamos. Continuemos a lê-lo e continuemos a polemizar com as suas obras. Obrigado e até à próxima.

9. HERMENÊUTICA BÍBLICA E SUA HISTÓRIA

Henrique Martins - Godim 1958

(Continuação do nº 211)

Em todas estas controversas Matérias, o católico não tem que ficar confuso ou angustiado... mas deve estar aberto aos vários enfoques porque a Realidade não se deixa captar, plenamente, só por um, ainda que tradicional ou maioritário e, por outro lado, ter presente que aquilo que sempre mais nos distinguirá dos Evangélicos...é o termos duas Fontes de Revelação: S. Escritura e Tradição, enquanto aqueles só aceitam a Bíblia (Sola Scriptura)! E aqui reside o principal obstáculo católico, a caminho do Ecumenismo: há posições divergentes tão extremadas que a visada Unidade será cada vez mais uma "miragem"!...

Por último, convém não confundir novos enfoques ou Teses, ainda que dos mais Ilustres Exegetas ou Pensadores de qualquer Temática, com a "FÉ DA IGREJA"!...

Aqui chegados, apercebemo-nos melhor de quanta água havia de passar debaixo das pontes...quantos centénios separavam os Pensadores "Inovativos" e Cientistas em geral, que se foram afirmando a partir do Renascimento, até suas Teses, quando não conformes com a LETRA da BÍBLIA ou com a "ESCOLÁSTICA", serem aceites pela Igreja! Copérnico apareceu, no Séc. XVI, a de-

fender o Heliocentrismo... (quando, à letra, reza a S. Escritura que o Sol nasce no Oriente e põe-se no Ocidente): por isso a Igreja não podia, então, aceitar tal Teoria!... Só que aquele Astrónomo vivia longe das barbas da Inquisição...e lá foi passando!

Galileu, no Séc. XVII, defendeu igual Heliocentrismo, mas agora em pleno País-berço da Inquisição! E logo começou a sentir a negativa reação dos Dominicanos de Florença: eram tempos de grande dissenso entre as Verdades da Ciência e da Fé. Com razão, Galileu, antes de ter de responder perante o Colégio Romano, foi defendendo que o E. Santo não quis ensinar-nos se o Céu se move... ou está parado (extravasa a matéria salvífica)! Assim, no seu Opúsculo à grã-duquesa Maria Cristina de Lorena (1615), Galileu insiste que o E. Santo quis dizer-nos como se vai para o Céu...e não como vai o céu!...E acrescentava: por que não poderei eu ter as minhas próprias ideias, em tudo quanto extravase a Doutrina da Salvação?!...

Baruch Espinosa, grande Pensador lusoholandês, também no séc. XVII, em seu "Tratado Teológico-Político" defendia que o hagiógrafo não visava revelar Verdades Científicas, pelo que se não poderiam considerar ERROS, algumas afirmações bíblicas, em desacordo com os dados da Ciência! Para ele, na

Interpretação das Escrituras, deveria respeitar-se a distinção entre Fé e Filosofia...

É hoje evidente que todos estes Pensadores tinham razão. O seu único problema foi tê-la antes do tempo, como mais tarde dirá T. Chardin, - outro "silenciado" porque defendia o Evolucionismo, que punha em causa muitas Verdades Bíblicas, tidas então por intocáveis (designadamente o Relato da Criação, como descrito no Génesis) ...

É que era ainda o tempo do absoluto domínio da ESCOLÁSTICA, esse Castelo inexpugnável de todo o abrangente Saber Filosófico-Teológico Milenar, seguido pela Igreja, como um Todo-Harmónico...que as Teses destes Novos Pensadores vinham beliscar ou mesmo dismantlar (embora sem essa intenção, até porque Copérnico era padre (tal como Chardin); Galileu, crente, teve de retratar-se; Espinosa, panteísta, acabou expulso da Sinagoga de Amsterdão; e Chardin... foi "exilado" lá para a China!

(Continua no próximo UNIASES)



CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...RESPOSTAS MUITO BREVES

F. Cunha Pinto - Viana 1956

As notícias da recuperação de dados não foram positivas: e cá vamos continuando a reconstituir a pasta dos ASES devagar, devagarinho: agradecemos que nos façam chegar as “anomalias” que possam encontrar no envio do boletim, no endereço email, etc...

ENCONTRO DA AGUILHA – previsto para o domingo de Pascoela – dia 27 de abril. O grupo dos almoços do Porto lançou, à última da hora, a iniciativa de uma deslocação de ASES do Norte. Todos podem aderir: façam chegar-nos a inscrição.

Sofia Teixeira

G73

Prezados senhores(as) da Uniases, Eu sou Sofia Teixeira, filha de António João Ferreira Teixeira, antigo estudante do Seminário Godim de 1973, natural de Marialva, Mêda, e residente em Viseu. Após o seminário, ingressou na vida militar como GNR, encontrando-se na Reserva. Apesar de acreditar que a notícia já chegou a alguns dos seus colegas, gostaria de formalmente informar o falecimento repentino e trágico do meu pai [N 07-10-1961 - F 29-07-2024]. A sua alma descansa em paz no cemitério da sua adorada terra natal, Marialva.

Quero deixar um grande agradecimento aos seus colegas e à reunião comemorativa dos 50 anos realizada a 7 de outubro de 2023, dia do seu último aniversário, que reuniu o meu pai com antigos colegas e os manteve em contacto desde então. Ele falava sempre com alegria desse dia e das conversas mantidas. Ao rever o boletim nº 208 (Julho - Dezembro 2023), consigo ver nas fotografias a alegria do meu pai nesse dia. Um bem-haja a quem organizou esse encontro comemorativo! Gostaria também, se possível, manter a subscrição do boletim, pois é algo que cresci a ler e que o meu pai pre-

zava em receber. Se não for possível em versão impressa, pelo menos em versão digital.

Um bem-haja! Com os melhores cumprimentos.

Esta mensagem foi recebida em 9 de setembro 2024 e que conseguimos recuperar: as nossas desculpas à Sofia por só agora a publicarmos. Guardo na memória o entusiasmo e alegria do Pai ao recordar os encontros com o Pedrinho do BdP... e acho também com o Romão...

Como desejo da Sofia, o nosso jornal continuará a ser enviado pelo correio: quando desejar mudar para envio digital é só avisar-nos...

Nós continuaremos a dar vida e alma a todos os ASES que passaram pelos nossos seminários.

Joaquim Leal Pereira

V57

Preciso de algumas informações:

– penso que estou em débito quanto às minhas quotas de AS; podes fazer o favor de me informar desde quando e o NIB para onde transferir o dinheiro.
– através do nosso caríssimo amigo Armando Ferreira recebi o livro do P. José Maria de Sousa «Pensar» autografado pelo saudoso Professor. O Armando disse-me que o produto das vendas destes livros reverte a favor do CEPAC. Podes igualmente fazer o favor de me indicar a quantia e como fazê-la chegar.

– será que alguma vez te fiz chegar às mãos um artigo que escrevi para ser incluído num dos nossos Boletins dos ASES? O título era «Tonsura» – sobre a minha experiência de me ter sido negado acesso à mesma, quando esta ainda estava em vigor ... Diz-me se ainda estás interessado?

- existe alguma hipótese de se consultar aquele jornal que havia no Fraião? Eles terão por lá algum arquivo que dê para consultar? Obrigado desde já.

Damos resposta para conhecimento

de todos os ASES: quanto às quotas, agradecemos a tua generosidade que vai indicada na Tesouraria. Para o CEPAC só vai a distribuição dos livros do Pe. Eurico. Todos os outros vão para o saldo do MAAES. A Tonsura nunca nos chegou: continuamos atentos à sua chegada... O jornal do Fraião era o JOVEM MISSIONÁRIO: confirmo que tenho cá uma parte da coleção encadernada. Penso que na Rua Santo Amaro haverá outra coleção; no Fraião não há nada.

Manuel Santos Moreira

G46

Junto comprovativo de uma transferência bancária no valor de 50,00 €, feita ontem para pagamento das quotas referentes ao presente ano, e/ou outras aplicações que julgueis necessárias, uma vez que não pude comparecer na Magna do Fraião. Como não passo de um “caloiro” nestas aventuras das novas tecnologias, mormente no que diz respeito à Internet, agradeço me informes se tudo chegou bem. Bem recebido e bem registado: muito obrigado. Notamos a tua falta na MAGNA: ficamos esperançados na próxima no dia 15 de junho... Votos de muita saúde e abraço.

José Joaquim Azevedo Moreira

S55

Este comentário refere-se ao Uniases 210 e que andou perdido... Dado o seu conteúdo merece bem a sua publicação:

Lindo, sim, mas também rico e suavemente polémico, sobretudo pela questão do envio do Uniases, em papel, digitalizado, pago, não pago, questão que não será bem de lana caprina, mas que o tempo resolverá, ajudado pelo nosso inevitável bom senso. Também as memórias do Almeida, mesmo e talvez porque francas e durinhas, poderão ser polémicas, mas não para mim, bem pelo contrário...

Agradeço ao Machado, além da justa

catilinada que me aplicou, a sua esmeradíssima crónica da Magna, sobretudo no que se refere aos trabalhos, conteúdos e decisões da reunião, porque, cada vez mais surdo, só assim fiquei informado, e muito bem. Além de tantos outros textos valiosos, o do Presidente Ferraz, evidentemente, o do Manel Souto, sempre atento e certeiro, o do Neiva, saudoso e sentido, deixem destacar o do Armando, análise excelente de situações sérias que o padre Zé Maria de Sousa bem dispensava na última etapa da sua fértil caminhada. Aponho o meu nome ao daqueles que tanto admiram o teu trabalho. E votos de saúde e boas férias.

[Que dá trabalho, dá... Nos 15 dias antes do arranjo ando cá com um stress que até a minha mulher me dá cabo da "moína": é certo que é só 3/4 vezes no ano... As crónicas do C. ALMEIDA vão apimentando um pouco. Do ZÉ MACHADO já tenho umas poucas... do HENRIQUE MARTINS várias... Já estão devidamente arquivadas para publicação...](#)

Zeferino Lemos V61

Antes de mais, queria agradecer-te o último número do nosso jornalinho (210) com as notícias e artigos que aguardamos sempre ansiosamente. Está bonito e bom. Tinha intenção de enviar uma crónica da Magna, mas fui-me descuidando, por culpa de outros afazeres, e passou a oportunidade. No entanto, envio-ta, à mesma. Provavelmente, já não terá cabimento no próximo número... e outros textos mais frescos também surgirão. Mas... já que estava quase concluída. Mesmo assim ainda hesitei bastante, como se pode ver pelo lapso de tempo entre tanto decorrido... Como entenderes... Bom trabalho e boas férias.

[É verdade que teu artigo dava outra "vista" à nossa MAGNA... Eu não quis estar a abusar, ao não te ter pedido... perdoa-me... Entretanto, o acidente do meu computador eliminou-a.](#)

Luís Andrade Barros G52

Recebi o UNIASES nº 211, apresentando-se com literatura variada e de bom agrado. Em 3 de Fevereiro transferi para a vossa conta a quantia de 60,00

€ para pagamento da minha assinatura de 2025.

[Bem registado. Obrigado.](#)

José Fernandes Pessoa V68

Caros amigos. Começo por agradecer o envio do Boletim da Uniases. Tendo recentemente mudado de casa, informo sobre a nova morada: 4730-460 Vila de Prado.

Grato pelo v/ trabalho e colaboração.

[Tomado nota e bem registado. Um procedimento que todos os ASE\\$ deveriam ter: informar a mudança de morada...](#)

Jaime Paiva Frutuoso G46

Caro amigo Ás: boa tarde. Informo o meu novo mail: frutuosojaime@gmail.com. Aquele abraço.

[Já registado com muito agrado esta nova ferramenta para nos comunicarmos.](#)

Óscar Sousa Maia G62

Olá caro amigo, boa noite. Informo que estou a tratar de regularizar a minha situação de 2024 e, já agora, aproveito para comunicar que termina aqui a minha habitual contribuição porque já não me sinto motivado para acompanhar as atividades e/ou notícias habitualmente veiculadas.

[Está descansado: a tua participação tem sido muito generosa... Não te preocupes de acabares a tua contribuição: já cá tens um bom mealheiro.... Continuarás a receber as nossas notícias: - pena não contarmos com a tua presença nos encontros.](#)

Arnaldo Afonso da Fonte G61

Agradeço, com o coração, ser lembrado para continuar a receber o UNIASES. Faz-me bem ler. Leio tudo, mesmo que não reconheça alguns companheiros. Fica o fraterno abraço, para ti e todos os que permitem que continuemos unidos e representados pelo nosso jornal

[Grato pelos teus comentários: saibas que estamos sempre abertos à tua participação.](#)

Juan Souto Coelho V61

Muito obrigado pelo envio do nosso

Boletim, sempre esperado e lido com muita amizade e lembrança de vidas partilhadas. Parabéns pelo vosso trabalho. Parece-me muito bem que os envios sejam por correio eletrónico. O motivo deste correio é dar a notícia de um novo livro: *FÁTIMA, ENCONTRO DA TERRA E DO CÉU*. No adjunto vai a explicação: como nasceu e qual é a ideia central. Se consideras que tem interesse, agradeço que apareça num próximo Boletim. Muito obrigado.

[Olá, estimado, buenas tardes. Registado o teu parecer, que agradecemos. No último Uniases não houve espaço. Vai hoje em Notícias Breves.](#)

Pe. João Baptista Silva Gomes G45

Uma saudação amiga e uma grande penitência para este descuidado ÁS que se desculpa com muitas razões e trabalhos ... que não podem ter desculpa. Não tendo participado nas últimas MAGNAS descontrolei a minha participação económica... Os relatos do Boletim, feitos com verdadeiro entusiasmo, dão força à vida de cada um ao reviver na alegria o tempo da adolescência e juventude: parabéns aos articulistas.... Junto o cheque de 100.00 € Espero que na próxima reunião possa estar presente.... Vamos vivendo em plenitude o ANO SANTO sempre PEREGRINOS DA ESPERANÇA e peço ao Senhor por todos.

[Ficamos contentes em receber notícias \(obrigado pela sua generosa oferta\): a sua ausência das últimas Magnas deixou-nos preocupados. Esperamos ver-nos no dia 15 de junho...](#)

Feliciano Silva G54

Eu não tenho comunicado porque já estou há muito bastante limitado na saúde. Quando me recordo do que vivi e aprendi em Godim e Fraião, tenho saudades!... Mas o tempo não pára... Há que viver com a mesma alegria e coragem o resto que Deus me quiser dar.

[Fazemos votos pela recuperação dessa saúde: não deve ser difícil dado o entusiasmo e alegria de viver que nos demonstra. Assim Deus o queira](#)

VIANA 1975/76

Nome	Data Nasc.	Morada em 1975
António Brandão Bernardes	01-08-1963	S Paio de Oleiros - FEIRA
Carlos Manuel Pires Martins Silva	16-04-1965	Marinhas - ESPOSENDE
Emanuel Paulo Jesus Vieira	06-06-1965	Paços de Brandão - FEIRA
Fernando António Cordeiro Cerqueira	06-08-1964	Silva - BARCELOS
João Pereira Martins	18-01-1964	Silva - BARCELOS
Joaquim Fernandes Gonçalves	25-11-1963	Novo-Oleiros (Stª Marinha)-V.Verde
Jorge Manuel Correia Costa	16-04-1965	Stª Marta Portuzelo-V. CASTELO
José António Cordeiro Vilas Boas	06-04-1963	Silva - BARCELOS
José António Gomes Ribeiro	02-03-1965	Nine - V N FAMILICÃO
José Manuel Boaventura Santos	25-09-1964	Vila Chã - ESPOSENDE
José Manuel Graça Silva Teixeira	17-11-1964	Vilarinho - SANTO TIRSO
José Manuel Rodrigues Moreira	22-10-1962	S. Paio Antas - ESPOSENDE
Manuel Augusto Cordeiro Machado	14-11-1964	Silva - BARCELOS
Mário Manuel Vieira Salgado	31-10-1964	SRA. DA HORA
Paulo Jorge Ferreira Matos	21-06-1965	Armonde - V. CASTELO
Paulo Jorge Pedro Cunha	11-09-1965	Creixomil - GUIMARÃES
Paulo Santos e Silva	24-02-1962	Galegos - PENAFIEL
Paulo Valentim Martins Costa	09-11-1964	Aguçadoura - PÓVOA VARZIM
Rui Manuel Cavalheiro Cunha	26-09-1964	Meadela - V. CASTELO
Tiago José Sá Martins	09-01-1964	Aldreu - BARCELOS
Veríssimo Costa Pombo	22-11-1963	Carapeços - BARCELOS

GODIM 1975/76

Nome	Data Nasc	Morada em 1975
Alexandre Lourenço Correia	10-03-1965	Barrô - RESENDE
Alfredo Man, Matos A R Teixeira	13-04-1965	TIRES
Américo Sousa Ribeirinho	25-11-1964	R. Barreiras - V P AGUIAR
António Carlos Conceição Martins	22-06-1965	Sedielos - RÉGUA
Artur Carlos Reis Silva Marques	14-08-1965	Av Sacadura Cagral - GODIM
Bernardino Carvalhais Carlos	01-04-1964	Tinhela de Cima - V P AGUIAR
Carlos Manuel Videira Fernandes	26-03-1963	Santa Valha-Gorgoço-VALPAÇOS
Fausto João Teixeira Rod Fonseca	01-06-1965	Fornelos-STA. M. PENAGUIÃO
Francisco Teixeira Araújo	27-02-1962	R. Teixeira - MESÃO FRIO
Guilherme Anjos Martins Moreira	18-06-1964	Duas Igrejas - MIRANDA DOURO
Henrique José Sousa Jorge	04-02-1966	Telões, nº 3 - V P AGUIAR
João Carlos Silva Figueiredo	07-04-1963	RÉGUA - FALECEU
João Pinheiro Machado	26-04-1962	Soutelinho Monte-PED SALGADAS
Joaquim Camilo Sousa Monteiro	14-05-1965	Barrô - RESENDE
José Manuel Lima Teixeira	23-03-1963	Soutelo Aguiar - V P AGUIAR
Luís Manuel Teixeira Sá	25-02-1963	Travagem - ERMESINDE
Manuel José Veiga Martins	10-03-1964	Baçal - BRAGANÇA
Manuel Júlio Silva Coutinho	20-19-1964	Fontes - STA. M. PENAGUIÃO
Orlando José Silva Oliveira	10-04-1965	Magueija - LAMEGO - FALECEU
Rui Manuel Santos Vilela	10-06-1964	R Igreja, 14 - 2 - V P AGUIAR
Salomão Amaro Rocha	07-12-1962	Loureiro - RÉGUA

GODIM 1975 VIANA 1975

Os sábados 4 (GODIM) e 18 de outubro (VIANA) já estão reservados para a grande festa das BODAS DE OURO:

QUEM SE OFERECE PARA ORGANIZAR?

GODIM

Alfredo Teixeira |

ateixeira@netcabo.pt

Salomão Rocha | T. 962 358 098

salomaorocha2@gmail.com

VIANA

Joaquim Gonçalves | Tel. 913 173 407

joagonkim@gmail.com

Rui Cavalheiro Cunha | Tel. 960 290 835

rui_cavalheiro04@hotmail.com

VÃO SER PRECISOS OS

CONTACTOS TELEFONE + EMAILS

INFORMAR OS ANIMADORES OU

UNIASES@SAPO.PT

OU TEL. 919 441 970

FRAIÃO 1975-2025

Em 1975 entraram no FRAIÃO os de Godim e Viana 1973:

A FESTA DOS 50 ANOS SERÁ NO SÁBADO, DIA **15 DE NOVEMBRO**.

Esperamos a inscrição de boa equipa para a organização deste evento



CONVOCATÓRIA



Nos termos dos artigos 19 e 20 dos Estatutos, convoco os sócios da União dos Antigos Alunos do Espírito Santo para a Assembleia-Geral Ordinária a realizar no **dia 15 de junho de 2025**, pelas **09H30**, no Seminário do Espírito Santo, Fraião – BRAGA, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Leitura da Ata anterior.
2. Apreciação e votação do Relatório de Atividades e Contas do ano de 2024 e do Parecer do Conselho Fiscal.
3. Apresentação do Plano de Atividades para 2025/2026.
4. Informações úteis.

Se à hora marcada não estiver presente o número de sócios exigíveis para o ato, a **Assembleia realizar-se-á às 10h00** desse dia com os associados presentes.

Braga, 31 de março de 2025

O Presidente da Mesa da Assembleia-Geral

Manuel Ribeiro Soares

ALMOÇOS NO PORTO

A FESTA DE REIS À MESA DE AMIGOS – ENCONTRO DE JANEIRO

Zeferino Lemos – Viana1961

O Novo Ano, que ainda vestia fraldas, mostrava-se sorridente e divertido a estender um convite aos congregados para o encontro mensal. O sorriso tímido era sedutor, mesmo assim, e teve a competente correspondência dos congregados que, para dar o mote ao novo ano, compareceram em número luzidio. Um recorde, que me lembre. Mas, neste mês de janeiro, o almoço ocorria nas vizinhanças da festa de Reis e algo no ar parecia mais especial. O grupo, como sempre, chegou de diferentes pontos da cidade e adjacentes, com os risos e a energia típicos de quem estava ansioso para partilhar mais uns belos momentos. Era quase como se, à semelhança dos reis magos, cada um fosse portador de um presente especial, de algo único para aquele momento. Chegam, primeiro, os de mais longe. Rapidamente, o grupo cresce, unindo-se na partilha do encontro. Uns prendem as atenções com as suas histórias de viagens internacionais que enchem o ar com aromas de culturas distantes. São os reis ma-

gos deste mundo global que realizam a nossa condição de cidadãos do mundo. Os seus relatos e o brilho nos olhos próprio de quem viu o mundo davam ao encontro uma vibração particular. Outros, mais contidos, mas com uma capacidade apreciável de ouvir, partilhavam o “ouro” da sua amizade: uma presença silenciosa, mas forte que a todos unia e fazia sentirem-se mais próximos, mais seguros. Sem dizerem muito, prestam-se a ouvir, relevando a atenção que sustenta o curso das dissertações, como margens que equilibram o curso do rio, sem pressa, sem pressões. Outros, ainda, com entusiasmo incansável, eram portadores do “incenso” da alegria. Os seus ditos e anedotas arrancam francas risadas dos congregados, encaminhando as conversas invariavelmente para remates jocosos. Na sua proximidade, a mesa parece sempre mais viva, mais cheia de energia. O seu otimismo é um presente que todos aguardam confiadamente. E havia, ainda, aqueles que tomam um ar mais ponderado e mais

filosófico.

Estes são dados à reflexão que partilham oportunamente. As conversas motivam sempre a “mirra” dos seus



comentários sensatos, um presente mais subtil, mais introspetivo. Chegam-nos por eles, algumas das grandes verdades da vida, mas sem nunca afastar a leveza do momento: isto é, uma reflexão de como a vida se tece nas pequenas coisas, nas ações quotidianas. Juntos, formavam um todo perfeito, como os reis magos, cada um com seu papel distinto, mas com a mesma missão: compartilhar o que de melhor possuíam. A mesa estava repleta de presentes, mas não eram pacotes embrulhados, com laços e papéis coloridos. Eram presentes que não podiam ser tocados, mas que eram sentidos de uma forma intensa e sincera. O ouro estava nas risadas, o incenso nos gestos de carinho e a mirra nas palavras que tocavam o coração. Aquele almoço de janeiro não era apenas um simples encontro entre amigos. Era uma celebração da amizade verdadeira, uma festa de Reis, onde cada um trazia, à sua maneira, a preciosidade do que tinha para dar. Não havia necessidade de mais nada, pois o encontro em si já era um presente, um momento de partilha que transcendeu o simples ato de se reunir à mesa. A verdadeira riqueza estava ali, no calor da amizade, na presença de quem se compreende sem precisar de explicações. E assim, entre um prato e outro, as risadas foram-se misturando às conversas profundas. O tempo passou como se não houvesse tempo. Como se aquele fosse o verdadeiro ouro, incenso e mirra de todos os encontros que já se viveram e dos muitos que ainda se esperam. Naquele almoço, a festa de Reis já estava ali, no simples prazer de estarem juntos, celebrando o maior dos presentes: a amizade.



PARA ALÉM DA CIRCUNSTÂNCIA OU MODA

Carlos Maia - Viana 1962

Caros colegas, não custa muito pregar, formular grandes propostas ou mostrar boas intenções. Para tal, basta considerar-se com razão, acercar-se de uma utopia ou projetar-se num grau maior de satisfação emocional e criativa.

Na Magna de 2024 repeti com mais assertividade a ideia de dedicarmos um pouco do tempo dos nossos encontros a uma reflexão e partilha de perspetivas sobre temas que se nos apresentam ou nos apoquentam. Pela nossa idade, pelas circunstâncias específicas – ou comuns? – do tempo atual, pela responsabilidade que deriva da nossa formação ou até para nos situarmos mais humanisticamente em relação a um futuro sempre imprevisível, defendo a necessidade de usarmos os nossos encontros para mais do que repetir meia dúzia de peripécias, tratar de mais euro ou menos euro para esta ou aquela instituição e... almoçar.

Se até no almoço pode ter lugar um reparo fraterno a quem lhe custa moderar a bebida, muito mais importante será que partilhemos os nossos medos, ansiedades, esperanças e convicções existenciais.

Costumo andar atento ao que ouço, sobretudo em momentos mais formais e de enquadramento mais institucional. Mantenho a fé como necessidade, embora sempre em conflito com a perplexidade do trágico diário. Na tragédia que mais diretamente me atingiu, essa fé serviu-me no apoio à medicação. Também me foi útil a visão filosófica de Kierkegaard para ultrapassar com o abandono na fé o desespero que uma vivência moral (que o autor chama ética) não consegue superar. Até a dimensão esquizotímica da nossa formação seminarística – ou professora, para alguns, como eu – acabou por ser válida: o desaparego ao agradável, o estoicismo direcionado e a obstinação

na procura da superação dos limites e adversidades permitiram-me relativizar a minha dor, olhando para tantas outras situações tão ou mais trágicas. Soube de um colega que perdeu a mulher e o único filho em três meses. É de dar em doido! – aparência bem visível. Tomei, então, a tarefa de vos propor à reflexão um ‘pequeno’ tema abordado de forma politicamente correta, mas racionalmente inconsistente, eticamente insuportável e socialmente paradoxal. O ponto de partida é uma afirmação muito vulgarizada sobre a necessidade e até vantagem de não julgarmos os outros, tomando essa atitude como a premissa ou condição *sine qua non* da tolerância. Se alguém esteve atento, o padre provincial falou dessa atitude na homilia.

A partir daqui o que vou expressar é a minha convicção baseada numa lógica, numa experiência, numa visão que desenvolverei posteriormente sobre a prioridade de uma perspetiva de dever(es) em relação à de direito(s) ou até no simples bom senso.

Era eu pequeno, mas costumava ter a tarefa de ir à adega buscar o vinho para a refeição. Um dia, abri a torneira e não havia meio de a caneca encher. Fui queixar-me a meu pai, que me admoestou: «tu só tiras do pipo e não metes lá nada!». Se nos dirigimos aos outros com a perspetiva de eles nos ‘satisfazerem’, chegará um tempo em que, por maior e melhor boa vontade deles, ouviremos o desabafo: «eu já não sei que mais lhe possa fazer» – isto se, apesar de com mágoa, não nos virarem as costas. Além disso, se nos colocarmos numa perspetiva de exigir direitos, esta-remos sempre sujeitos à existência de alguém que esteja disposto a cumprir o dever correspondente. Daí que os direitos dos filhos só são satisfeitos com o dever dos pais; e o mesmo se passa com os alunos, os doentes, os cida-dãos, etc., em rela-

ção aos professores, aos médicos, aos políticos... A todo o homem compete e se exige o desenvolvimento das dimensões que fazem dele



homem – para o que não chega participar da dignidade atribuída pelo facto de ser hominídeo. É isso que significa a frase de Píndaro «homem, transforma-te no que és».

E na medida em que cada um participa na melhoria própria e alheia tem o direito de avaliar o empenho dos outros nessa tarefa. É logicamente evidente que a avaliação dos outros se torna nuclearmente para o próprio avaliador – donde lhe vem a autoridade moral e a defesa contra a ridicularização. A avaliação é condição de aperfeiçoamento: uma ausência de avaliação, para além de inexequível, é a legitimização do ‘tanto vale’. Ora, essas duas atitudes só revelam e beneficiam quem não tem capacidade para se aperfeiçoar, ou seja, para se revelar humano. Não avaliar é a forma mais agradável de não assumir o compromisso perante o outro de exemplificar a bondade exigida.

E é com esta dimensão que se encara quase sempre a defesa da tolerância. Antes de mais, a tolerância deve ser feita sobre a pessoa e não sobre as ações más ou as menos boas possíveis. Por outro lado, a ‘tolerância sobre’ só pode fazer-se em relação a ideias, comportamentos e atitudes de valor equivalente, não igualando valores hierarquicamente díspares. Ou seja, uma ideologia ou religião, ou partido, ou seita, por exemplo, que implique pena de morte, escravatura, prisão arbitrária, racismo, etc., não tem

o mesmo valor que uma ideologia, religião, partido, etc., que promova a visão humanista pessoal e coletiva e considere que até os inimigos devem ser respeitados ou mesmo amados. Isto significa que muito do que chamamos tolerância não é mais do que indiferença, ou seja, em linguagem popular, 'não se ralar' ou 'estar-se nas tintas' para os outros, sob a aparência de lhes reconhecer direitos ou tanta importância como a dedicada a nós mesmos. Um autor que reflete sobre questões educativas e antropológicas considera a indiferença como a relação mais negativa de intersubjetividade. O conflito já implica pelo menos a consciência em relação ao outro. É evidente que a não restrição de condições de realização do outro

– a justiça – e, sobretudo, a criação de condições de realização dos outros – o amor – são bem mais frutuosas e humanistas – e, diga-se, manifestadoras do grau de aperfeiçoamento de quem assim se relaciona.

Não se pode afirmar a existência de um padrão unívoco para a avaliação da dimensão moral. A exigência de aperfeiçoamento ético pode mesmo implicar o não cumprimento de uma norma moral. Por exemplo: defender o fim da pena de morte, da escravatura, da discriminação racial ou de género quando toda a sociedade o não fazia é não cumprir os padrões morais da época ou sociedade; mas é eticamente louvável. Mas se não há um padrão moral unívoco, também as ações humanas não são tão equívocas que

possam ser enquadradas numa relação tão ampla que permita que tudo seja tolerado, assente na ideia de que qualquer ação ou omissão vale o mesmo que quais-quer outras ações ou omissões.

Tolerar a maldade é abdicar de se aperfeiçoar, ou seja, de ser pessoa com projeto singular e coletivo. E o coletivo a que pertencemos não é só condicionante de identidade particular; é também produto dessa nossa qualidade intrínseca e inalienável de aperfeiçoamento. E se o grito 'vencer ou morrer' pode ser útil numa batalha, mais radical é a exigência de aperfeiçoamento – condição de ser homem, que exige avaliação sobre si e sobre os outros.

GODIM – “MATAR” SAUDADES

Carlos Freitas – Godim 1973

Olá Francisco, espero que estejas bem, sempre com excelente disposição, que verdadeiramente contagia! No dia ontem, sábado, dia 5 de abril, tivemos uma confraternização da malta que entrou no seminário de Godim 73 e aqueles que entraram em 74. O local de ponto de encontro foi em Teixeira, concelho de Baião, terra do Carlos Silva que organizou e aproveitou-se para se celebrar o seu aniversário (63 aninhos!). O repasto foi num restaurante numa aldeia próxima, quase no pico do Marão, que se chama Mafómedes. Foi muito giro! A malta está e anda animada! Esta reunião dos dois anos, 73/74 e

74/75 de Godim, teve o condão de trazer mais memórias e mais laços. Notou-se um brilhozinho nos olhos como que a dizerem, valeu a pena e queremos mais! Formou-se um grupo engraçado e a ti te devemos mais esta jornada. Obrigado!

ASES éramos quinze, um dos quais, o Nuno Vasco, que entrou diretamente no Fraião, já mais tarde, para o ano do Tony Neves (não sei se 76 ou 77!). À última hora faltaram dois, sendo que outros não estiveram presentes, com muita pena deles e nossa, mas estão sempre on-line!

Mando-te, nos anexos, duas fotos: uma em que estão fotografados ape-

nas os ASES e na outra em que já aparecem os cônjuges e outros acompanhantes.

Perguntaram se haveria a comemoração dos

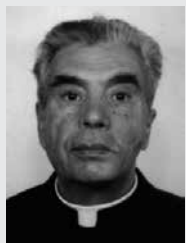
50 anos de entrada no seminário em Braga e fiquei de te perguntar se está prevista essa reunião e, em caso afirmativo, para quando. Podes dizer-me alguma coisa sobre este tema para os colocar de sobreaviso no nosso grupo do whatsapp?!

Constatei que existe uma grande vontade em estarem presentes! Mais uma vez obrigado pela tua dedicação à causa. Forte abraço para ti e para a tua família.

Nota da redação: esta mensagem email foi recebida já o UNIASES estava fechado... Pelo que representa para nosso espírito de união, tinha que ser incluído: parabéns pela vossa iniciativa. A informação da comemoração dos 50 anos de entrada no Fraião já fica aqui confirmada: dia 15 de novembro.



NOTÍCIAS TRISTES...



DOM ABÍLIO RODAS DE SOUSA RIBAS – BISPO

D. Abílio Rodas de Sousa Ribas, filho de João de Ribas Sousa e de Rosa Preto Rodas, nasceu na freguesia de Várzea de Soajo, concelho de Arcos de Valdevez, diocese de Braga, no dia 2 de janeiro de 1931. É o mais novo de cinco irmãos. Estimulado pela piedade de seus pais e também pelo irmão mais velho, P. António, que viria a ser vítima no trágico

acidente com o comboio, em 1970, junto do apeadeiro da Silva-Barcelos, decidiu pedir a admissão ao seminário das Missões. Deu entrada no seminário de Godim, em outubro de 1944. Passa por Viana e é ordenado sacerdote, na Torre d'Aguilha, em 21 de setembro de 1957, indo para a Universidade de Salamanca.

Em 1959 embarca para Angola: até 1984 desempenha as mais variadas atividades em missões, em paróquias, no seminário de Luanda, na rádio Ecclesia. Pelo meio, em 1 de junho de 1980 foi atingido pela explosão de uma mina, no carro conduzido pelo P. José de Castro, onde também

seguia o P. Manuel Gonçalves. Depois de vários meses de tratamento em Portugal, em 1981 regressa a Angola para retomar as suas funções, no Huambo, até agosto de 1982, sendo então transferido para Luanda, onde é nomeado, em 1983, para secretário da Cáritas.

Em dezembro de 1984 é nomeado, pelo Papa São João Paulo II, Bispo residente de S. Tomé e Príncipe e é ordenado em São Tomé, a 24 de fevereiro de 1985. D. Abílio dirigiu uma vibrante mensagem ao povo de Deus que, no meio de palmas e gritos jubilosos, dava vivas ao “nosso Bispo”.

Em 2006, tendo atingido os 75 anos de idade, pediu a exoneração da Diocese de São Tomé e, no ano seguinte, regressou a Portugal. Segundo o seu desejo, foi colocado na comunidade de Viana do Castelo a fim de colaborar no apostolado daquela comunidade. Em 2015, com uma saúde mais fragilizada, passou a viver no Fraião, onde recebeu os cuidados do Lar Anima Una.

O Senhor da Messe chamou-o a Si, no dia 2 de fevereiro de 2025, domingo, dia da apresentação do Senhor e dia de aniversário da morte de um dos Fundadores da Congregação, Francisco Libermann.



PE. JOÃO SERRA DE ARAÚJO

O P. João Serra de Araújo, filho de Francisco Gomes de Araújo e de Rosa da Costa Serra, nasceu a 4 de fevereiro de 1935, em Tadim, diocese de Braga. Entrou para o seminário de Godim-Régua, em outubro de 1950, passando pelo Fraião e Silva, sendo ordenado sacerdote na Torre d'Aguilha, em 3 de novembro

de 1963. Em 5 de julho de 1964, é enviado para a diocese de Nova Lisboa (Huambo) Angola. Durante 4 anos (1964-1968), exerceu a docência no Colégio do Espírito Santo, em Nova Lisboa e no seminário do Quipeio. De 1968 a 1972 foi capelão militar com atividade em Angola e no continente.

Em 1972 regressa a Angola para a missão de Cachingues: em 1975, devido à guerra civil, vai para a Namíbia, e passando por Joanesburgo, segue para o Brasil. Aqui permanece até 2022 com atividade em várias paróquias, muitas vezes acompanhado por outros confrades.

No verão de 2022, vem a Portugal e os cuidados de saúde impedem-no de voltar à missão no Brasil. É nomeado para Braga, onde ficou sob os cuidados do Lar Anima Una. O Senhor da Messe chamou-o a si na madrugada do dia 21 de março de 2025.



Pe. NORBERTO DA CONCEIÇÃO CRISTÓVÃO

Norberto da Conceição Cristóvão, filho de Francisco Caramelo Cristóvão e de Filomena Pereira Cardoso, nasceu a 9 de agosto de 1932, em Freineda, concelho de Almeida, distrito da Guarda.

Entra no seminário de Godim, a 10 outubro de 1944, e segue a sua formação nas diferentes casas de formação da

Província: Fraião, Silva e Torre d'Aguilha, onde é ordenado sacerdote em 20 de setembro de 1958. Para completar os seus estudos em pastoral, faz uma breve passagem na Universidade de Salamanca, Espanha.

A 5 de julho de 1959 é nomeado para Angola, onde trabalha 17 anos em várias Missões.

Em 1975, regressa a Portugal, vindo a desempenhar várias funções: professor no Seminário de Godim; entre 1978 a 1985, na animação missionária, seguindo-se funções na comunidade de S. Brás de Alportel, secretário provincial, capelão do hospital de Viana do Castelo e outras. Em 2005, é nomeado para o Fraião e colabora na pastoral paroquial de Nogueira, seguindo-se Godim e Viana do Castelo. Com a suspensão da comunidade espiritana de Viana, em fevereiro de 2020, o P. Norberto vem para o Fraião e fica a residir no Lar Anima Una.

O Senhor da Vida chamou-o a si na manhã do dia 22 de fevereiro de 2025.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de “falecido”, tivemos conhecimento do óbito de:

Às 816 Francisco Santos Bártolo, curso de Godim 1952 – vindo de Rebordosa-Paredes. Nasceu em 28-05-1940 e faleceu em 12-08-2024.

Às 2724 António Alberto Vieira Monteiro, curso de Viana 1968 – vindo de Arcozelo-Barcelos. Nasceu em 20-09-1956 e faleceu em 16-01-2025.

Às 360 António Marques, curso de Godim 1947- vindo de Freixianda-Ourém. Nasceu em 09-01-1931 e faleceu em 20-12-2024.

UNIASES 208 devolvidos com indicação de FALECIDO

Às 189 – Anésio Oliveira Reis Macedo, curso de Godim 1948 – vindo de S. Paio de Oleiros.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMES A TODOS OS FAMILIARES.

TESOURARIA

JANEIRO / MARÇO 2025

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE	N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
33	Adélio Barbosa Miranda	Quotas	40,00 €	1412	Luis Andrade Barros	Quotas	60,00 €
46	Adriano Santos Quartau	Quotas	60,00 €	3109	Manuel Cunha Neiva	Quotas	50,00 €
112	Albino Pereira Silva	Quotas	50,00 €	2008	Manuel Gonçalves Cunha	Quotas	10,00 €
233	António Camilo Marinheiro Guedes	Quotas	30,00 €	1569	Manuel Joaquim Couto Pereira	Quotas	50,00 €
270	António Fernando Mir. Fonseca	Quotas	20,00 €	2664	Manuel Joaquim Gonçalves Pereira	Quotas	100,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	Quotas	100,00 €	1709	Mario Neiva Viana	Quotas	20,00 €
314	António José Carvalheira Aldeia	Quotas	20,00 €	1776	Oscar Sousa Maia	Quotas	20,00 €
349	António Manuel Pinto F Costa	Quotas	40,00 €	1785	Paulo Manuel Brochado Lima	Quotas	100,00 €
2752	António Moreira Ferreira	Quotas	100,00 €	1808	Quintino Soares Ferreira	Quotas	10,00 €
403	António Rodrigues Ferreira	Quotas	50,00 €	1826	Ricardo Nuno Loureiro Viana Cruz	Quotas	100,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	Quotas	20,00 €	2929	Rui Manuel Vilela	Quotas	20,00 €
2934	Avelino Conceição Marques Costa	Quotas	25,00 €	1926	Zacarias Pereira Quintas	Quotas	50,00 €
667	Eduardo Alex. Ferreira Ferraz	Quotas	20,00 €	TOTAL			2.430,00 €
668	Eduardo António Sampaio Teófilo	Quotas	20,00 €				
707	Eusébio José Lopes	Quotas	100,00 €				
754	Fernando Silva Gomes	Quotas	20,00 €				
2798	Francisco Ant. Castro Gonçalves	Quotas	50,00 €				
2990	Horácio Manuel Martins Brito	Quotas	30,00 €				
886	Isidro Manuel Amaral Linhares	Quotas	30,00 €				
914	João Batista Silva Gomes Pe.	Quotas	100,00 €				
932	João Fernando Mag. Barros	Quotas	20,00 €				
3185	João Fernando Ribeiro Silva	Quotas	20,00 €				
950	João Maria Silva Freitas	Quotas	50,00 €				
1023	Joaquim Leal Pereira	CEPAC	80,00 €				
1023	Joaquim Leal Pereira	Quotas	120,00 €				
2207	Jorge Manuel Relvas Soares	Quotas	25,00 €				
1147	José Candido Gomes Ferraz	Quotas	50,00 €				
1171	José Custódio Lopes	Bolsa	250,00 €				
1171	José Custódio Lopes	CEPAC	100,00 €				
1171	José Custódio Lopes	Imagem	100,00 €				
1171	José Custódio Lopes	Quotas	50,00 €				
1275	José Manuel Santos Martins	Quotas	20,00 €				
2364	José Rui Soutelo Torres	Quotas	30,00 €				

EDITORA MAAES
CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 Extrato 28

Saldo anterior (Uniases 211) 4.136,63 €

4.136,63 €

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 31-03-2025 411 8.220,00 €

Ofertas 53 0,00 €

Para distribuição 56

520

DECLARAÇÃO IRS - COLABORAÇÃO COM O CEPAC

Na declaração de IRS não esquecer de inscrever
o NIF do CEPAC no modelo 3:1101 ☒ Instituições particulares de solidariedade social ou pessoas coletivas
de utilidade pública (art.º 32.º, n.º 6, da Lei n.º 16/2001, de 22 de junho)NIF 503007676 ☒ IRSATENÇÃO
SE MORAS NO
ESTRANGEIROVAIS DEIXAR DE RECEBER O UNIASES PELO CORREIO.
PASSAREMOS A ENVIAR SOMENTE POR EMAIL.
POR FAVOR, INFORMA O TEU EMAIL PARA:
UNIASES@SAPO.PT OU CUNHAPINTOBRAGA@SAPO.PT

FACEBOOK

PEDE ADESÃO AO NOSSO GRUPO UNIASES
- UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO

Informa: nome completo, ano de entrada e email.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A. Carvalheira - UNIASES

Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

uniases@sapo.pt

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

CONTA N.º 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas -
Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo
ou Às n.º _____

INTERMITÊNCIAS

JOSÉ PINTO SILVEIRA

Joaquim Moreira - Silva 1955



SILVEIRA

Esta é uma maneira de regressar ao noviciado, o meu, o nosso, 1962/1963, estreantes do novo edifício, implantado no sítio da velha casa senhorial, sede dos

antigos noviciados e que em 1955/56 acolhera um grupinho de trinta e tal rapazinhos naquele que fora também o meu primeiro ano de seminário. No grupo de noviços da nova casa entraram 31, 24 vindos do Fraião, cinco de Espanha, um teólogo do seminário conciliar de Braga, o Salgado, e o Silveira vindo de Angola. Era um grupo grande, creio que o maior até então, no qual se depositava larga esperança missionária, tanto que do Fraião, a acompanhar o precioso conjunto dos 24, viera o padre Santos Fonseca, subdirector nosso e depois director no terceiro ciclo, para futuro submestre de noviços.

Prevenidos e preparados para um ano especial, altamente rigoroso, selectivo, misterioso, religioso e muitos outros adjectivos ao critério de tantos entendidos que por lá passaram, o Silveira caiu ali como mel para amarguras, refrigério para calores de juventude, resposta amena para interrogações graves. Ele vinha das terras quentes de Lobito-Benguela e trazia consigo riquezas que melhor costumam medrar por aqueles espaços africanos missionários. Ele foi, quase sem o querer, a vedeta dos nossos primeiros movimentos de adaptação aos rigores que estavam para vir, "sombrio noviciado" lhe chamaria mais tarde, ao escrever num modesto semanário de Vila Nova de Famalicão uma espécie de autobiografia em episódios marcantes. Estou a vê-lo e a ouvi-lo na mata junto ao lago e debaixo de um carvalho gigante que por ali se ficara para sempre, cantando coisas que não estávamos habituados

a ouvir, cantigas 'profanas', mas lindas de encantar, melodias trazidas de África, mornas deliciosas de Cabo Verde, Ondas sagradas do Tejo deixem-me dar-te um beijo... E como cantava bem o Silveira, voz quente, timbrada, modelada, artista em roda familiar, nem foi por acaso que mais tarde, um pouco mais tarde, ele fundaria em Lisboa um conjunto musical de nome OS KEE-PERS, se não me falha a memória. Não terão sido muitas as vezes que assim cantava para nós, apenas algumas naquele limbo de tolerância que antecedia os rigores que estavam para vir, mas ficaram gravadas para sempre na memória. A voz do Silveira em breve se perderia no coro gregoriano que passou a encher a espaçosa "eira sagrada", assim se chamava à moderna capela, conciliar antes do concílio que então apenas começava.

E houve também o futebol, um ou outro jogo com religiosos dos arredores, estou a lembrar os capuchinhos de Barcelos que ainda jogavam de batinas arregaçadas. Aí o Silveira também pontificava, defesa central de alto rendimento. A gente já jogava de calções e camisola, o que então se podia arranjar. Fazia de treinador o padre Luís Cabral, jovem, simpático e bem-parecido, que se encontrava em repouso na casa do noviciado, nunca soubemos bem de que mal repousava. Havia também jogo de hóquei em patins no espaço coberto da extremidade do pavilhão onde os noviços tinham o seu quarto individual. O grande desporto, porém, foi o mês e tal de vindimas pela extensa quinta, mão-de-obra barata, diríamos hoje, mas também provação ao lado de outras provações, a limpeza da mata, o tratamento dos jardins, a higiene e enceramento dos quartos, o descasque das batatas, o picar das castanhas e a terrível capitulada que nos deu o Mestre porque certa tarde encontrou os noviços a roê-las, crime de difícil perdão. Tudo integrado na

grande provação que eram aqueles 365 dias.

Que dizer e como definir um ano tão estranho, quase inefável, quase

absurdo, carregado de pormenores transformados em pormenores, leituras medievalescas como o Rodrigues em não sei quantos volumes lidos em voltas e mais voltas à volta do jardim do mesmo nome, no centro do qual havia um enorme caramanchão e dentro dele o encanto de um pequeno lago com chafariz ao meio. A tudo a gente se submetia como condição indispensável para prosseguir e perseguir o sonho, "Guiados por um Sonho", escreveria depois em livro o António Luís. Um ano marcado por três retiros gigantes, dez dias cada um: o da conversão, barrela a todos os pecados possíveis e imaginários cometidos até então; o da oração, aprimoramento da alma para as batalhas futuras; o da profissão, remate e selo na grande provação. Aqui chegados, dos trinta e um noviços iniciais, restavam 26, destes professariam 24, votos temporários, dois adiarão a profissão. Depois vieram umas férias em Viana do Castelo e ala para a Torre d'Aguilha, membros da Congregação do Espírito Santo, embora naturalmente membros de segunda por mais alguns anos.

O Silveira seguiu connosco para o seminário maior, mas em breve abandonaria. Nunca mais nos encontramos e ficaria feliz se o voltasse a ver vivo e de boa saúde. Outros voos, outros mundos o chamavam. A música foi com certeza um deles, aquela música que continua a soar aos meus ouvidos, a que ele cantou para nós debaixo do carvalho gigante junto ao lago da mata, naqueles primeiros dias de expectativa da grande provação do noviciado.

Mas tantas mais coisas haveria para dizer do noviciado.

